



... o caroço de tucumã das narrativas de Dalcídio - o carocinho, a bolinha - foi grelando, crescendo cada vez mais, tomando forma firme do princípio ao fim da grande obra, dando ao texto dalcidiano mais encanto, mistério, magia, bulindo ora no bolso ora na mão do menino Alfredo, e sempre rebrotando na memória e na imaginação do homem Dalcídio...

# DALCÍDIO JURANDIR,

uma leitura do caroço de tucumã:  
vias de sonhos e fantasias.

Rosa Assis\*

*Bernardo, meu netinho,  
meu carocinho de tucumã.*

Ler a obra de Dalcídio Jurandir é sempre despertar para nova pesquisa, novo estudo, porquanto é abundante e rico o material folclórico e lingüístico encontrado em cada página de seus romances da série Extremo-Norte, ambientados na região amazônica, mais especificamente na ilha de Marajó e nos bairros e subúrbios de Belém, cenário constante dessa obra cíclica.

Assim, no extenso texto dalcidiano, brota desde o começo do ciclo, e intencionalmente, um curioso personagem, ou melhor, uma espécie de elemento mágico, ou meio mágico meio mítico, proveniente ao mesmo tempo da mata marajoara, da língua nativa e da cultura popular, que de imediato encanta o leitor: é um simples caroço de tucumã, apanhado no chão da vida natural, interiorana, ribeirinha, dos habitantes do Marajó. É um elemento constante ao longo de toda a obra, mas que é sobremodo freqüente e importante no primeiro romance, *Chove nos campos de Cachoeira*, no qual o caroço de tucumã domina do princípio ao fim e quase que produz toda a narrativa, e ao qual, por isso mesmo, restringiremos com exclusividade nossa análise e exemplificação.

Muitas vezes, esse caroço, como veremos, aparece no livro sob outros nomes ainda mais simplificadores, no sentido da coisa simples mas significativa (*carocinho, bolinha*). Ele é "plantado" no texto dalcidiano, como dissemos, logo no início do ciclo narrativo, no germinal, a todos os títulos, *Chove nos campos de Cachoeira*, e rolará pelo ciclo inteiro, à exceção do segundo romance, *Marajó*. É o próprio narrador, aliás, já para o final do primeiro livro,

\* Doutora em Língua Portuguesa - Professora da Universidade da Amazônia - UNAMA.

quem define claramente a natureza e os poderes mágicos do nosso pequenino e insólito personagem, capaz de operar maravilhas em favor do seu companheiro inseparável e personagem principal e propriamente dito em toda a história: Alfredo

*Alfredo tinha ainda de buscar querosene. A garrafa presa no cordão, a bolinha no bolso. Agora, com a noite, não pode jogar o carocinho. Mas é bom, quando no escuro, dentro da rede, a bolinha sobe e desce na palma da mão. Assim dá um encanto maior, varinha mágica, varinha de condão que as fadas invejariam. Os meninos do mundo inteiro não conhecem o carocinho de tucumã de Alfredo. As fadas horroreram, o encanto vem dos tucumãzeiros da Amazônia. O carocinho tem a magia, sabe dar o Universo a Alfredo. Tem um poder maior que os três Deuses reunidos... (p. 374) 1*

Como se vê, o *carocinho* (como é mais freqüentemente e afetuosamente chamado ou invocado) foi a fórmula mágica, vinda da floresta amazônica e da cultura indígena, do folclore regional, que o romancista marajoara recolheu e recriou para servir como um tipo curioso, e quase personificado, de *leitmotif* do personagem Alfredo, ao longo de todo o ciclo. Com efeito, as coisas começam a acontecer já na primeira cena, na primeira página, na primeira linha do *Chove*, graças ao poder mágico do carocinho que aí faz sua aparição e continuará aparecendo e interferindo por toda a narrativa, tornando-se desde aí para Alfredo - personagem central da série - o seu singelo talismã (tucumã) ou a sua tosca varinha de condão, conforme se lê no próprio texto do romance, sempre pronta e apta a levá-lo onde quer que o empurrem os seus sonhos e anseios, desejos e fantasias, imaginações ou devaneios:

*Voltou muito cansado. Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levava também, aquele caroço que soubera escolher entre muitos no tanque embaixo do chalé. (p. 117)*

Daí em diante, o carocinho mágico e maravilhoso (isto é, que tem o dom do maravilhoso, conforme também diz explicitamente no texto o narrador, como se verá, e aliás no sentido estritamente literário do *maravilhoso fantástico*<sup>2</sup>) rolará pelo livro inteiro, até o último capítulo, até as últimas linhas da última página do romance, quando Alfredo inadvertidamente o deixa cair no chão e sente-se impotente para juntá-lo, por temer, mais uma vez, as reprimendas do pai, do severo Major. E assim termina o *Chove*, literalmente sob o *signo* do carocinho prestimoso e travesso:

*Alfredo sacode o lençol, o carocinho salta no soalho correndo para debaixo da rede do Major, como se fugisse. E o menino, como que desamparado, perguntava a si mesmo:  
- E agora? - Major, na rede, parecia proteger aquela fuga.  
Sem coragem para recolher o carocinho, com medo que Major tivesse visto e quisesse ralar, Alfredo se aquietou na rede e esperou que seu pai ao menos se levantasse para ouvir Salu, na saleta, contando baixinho a Dadá o romance da Rainha e Mendiga. (p. 401)*

O texto literário, como se sabe, parte da realidade do mundo para a deformar ou transformá-la, no sentido estético do termo, isto é, dar outra forma, uma outra linguagem àquela realidade, criando assim uma outra realidade. Daí ser difícil estabelecer com segurança e exatidão uma correspondência direta entre a vida real de Dalcídio Jurandir e a vida literária, imaginária, poética, do personagem Alfredo. Todavia, as inúmeras coincidências que se pode encontrar

<sup>1</sup> JURANDIR, Dalcídio. *Edição crítica de Chove nos campos de Cachoeira/Rosa Assis*. – Belém:UNAMA, 1998. Todos os trechos do romance que ilustram o presente estudo são extraídos desta edição.

<sup>2</sup> MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo, Cultrix, 1974. p. 319

entre as dificuldades e ansiedades do menino pobre que realmente viveu em Cachoeira do Arari, e as ansiedades e dificuldades do fictício menino Alfredo, são tão evidentes que em muitas passagens do romance parecem de fato corresponder à vida e ao cotidiano que tivera o menino Dalcídio, projetando-se no comportamento do menino-personagem, no seu dia-a-dia, na sua vidinha, por assim dizer, como se lê nos seguintes passos do texto, sempre recorrendo aos mágicos poderes do carocinho:

*Já estava aborrecido com aquele mercado. Perdeu a bolinha numa toíça. Agora ia sem bolinha. Um quilo de carne. Todo dia isso. (p.214)*

*Mas quem manda não levarem ele para Belém? Para o colégio? Para longe do quilininho de carne? Do carocinho de tucumã? (p. 340)*

*Nessa mesma manliã vira o pai de Tales de Mileto comprar três quilos de carne e ele com o seu quilininho ... Vamos, carocinho, leva quatro quilos de carne para o chalé! O carocinho tinha o dom do maravilhoso. (p. 371)*

*Carocinho, faça Alfredo no colégio, livre do querosene, da carne, do açúcar e do pão! (p. 375)*

Aliás, quanto a esse papel mágico ou fantástico do carocinho, surgindo desde o início e gerando toda a obra cíclica, é o próprio romancista que nos fala explícita e poeticamente, em entrevista concedida em Belém do Pará, em 1976, a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão:



Luiz Pinto

*o caroço de tucumã, jogado na palma da mão de Alfredo levava o menino ao diálogo com sonhos, e ambições e miragens. Esse jogo solitário, no campo ou debaixo do ingazeiro, se tornou em fermento romanesco. Do grelo no caroço pobre brotou Chove nos campos de Cachoeira, matriz de toda a obra. Com o tucumã na mão, foi capturando almas, cenas, figuras, linguagem, coisas, bichos, costumes, a vivência marajoara que ressoa, miudinho como num búzio, em dez volumes.<sup>3</sup>*

Acompanhemos pois, mais uma vez, a presença do caroço de tucumã na mão do personagem, observando, inclusive, sua multiplicação de acordo com o contexto em que aparece.

*A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga na palma da mão. (p.191)*

*Tudo fazia para que Alfredo se encharcasse de sonho, de imaginações. A bolinha subia e caía na palma da mão. (p.248)*

<sup>3</sup> Um escritor no purgatório. In: Asas da Palavra, Belém, Unama, nº 4, 1996, p. 28.

*A bolinha no bolso, os passarinhos brincando no ingazeiro, o quarto fechado, aquela roupa na corda... (p. 347)*

*Vai procurar o carocinho. O carocinho deve estar dentro da rede. (p.386)*

*Alfredo, com o carocinho na palma da mão afastava a morte, dava alegria ao chalé, seguia na Lobato para Belém. (p. 397)*

No último exemplo, o personagem-caroco assume, como por vezes acontece, a identidade do próprio Alfredo, ou com este se misturando, se confundindo, numa só figura romanesca. O caroco livra o menino dos perigos, transporta-o para um mundo de riquezas e farturas, ora conversa, ora discute, discorda, confia, ou mesmo faz as pazes com o protagonista, satisfazendo, também, os sonhos do agora menino-rapaz, seus anseios afetivos, até mesmo, indiretamente, seus desejos sexuais. Enfim, o caroco e Alfredo se identificam a ponto de tornarem-se quase que inseparáveis. É como se a existência de um dependesse da presença do outro. Nas mãos de Alfredo, o caroco resolvia tudo; apenas em raras situações parece ficar impotente para resolvê-las, mas nem por isso é afastado, abandonado por seu dono. Alfredo não seria ninguém sem o caroco, ou por outra, só seria alguém com o caroco. Para tudo, virtualmente, o caroco (carocinho, bolinha) era a salvação, ou a solução, e, se chegarmos ao extremo, era até o impossível. Fazia de conta tudo o que pudesse fazer de conta. Na verdade, o faz-de-conta, no sentido poético do termo, é que era o verdadeiro mundo do menino Alfredo, um mundo de sonhos e fantasias, vivido na magia do caroco de tucumã:

*O caroco ficará nos campos queimados contando a história do faz-de-conta. (p. 119)*

*Ele então armava um Brasil faz-de-conta. (p. 250)*

*A bolinha sabia criar o faz-de-conta. (p. 304)*

*Sem o carocinho, como imaginar as coisas, como ser mais que Tales de Mileto, como saber viver no faz-de-conta? (p. 378)*

*O colégio era um sonho, faz-de-conta era a única salvação; mas as mãos paravam fatigadas de tanto jogar o carocinho. (p. .398)*

Assim, os acontecimentos se delineavam e se resolviam, nas fantasias mais simples ou nas mais exóticas; a magia do caroco era a impossível magia da vida. A roda-viva, bem vivida ou mal vivida.

Se conferirmos a esse romance um caráter autobiográfico, como antes sugerido, aí parecem se confundir o menino Dalcídio com o menino Alfredo, o passado com o presente, tanto que sentimos a cada passo da extensa narrativa (em seus romances do Extremo-Norte) a experiência e a história de vida de um homem cuja única riqueza residia apenas na leitura e na produção literária, gerando tantas páginas de tão densa e tão rara sensibilidade. O fato é que os tipos, as circunstâncias, os contextos de vida onde sua narrativa se desenrola misturam-se num só rio, por onde navega, sonha, sofre o escritor.

E por falar em rio, no *Chove* o rio corre, o rio fala, o rio se entristece, o rio transborda. A seguir passa o igarapé, delineia-se o campo, os campos floridos onde a bolinha bole, rola, corre, se

esconde, descobre coisas, faz milagres, - o carocinho *faz-de-conta*! Ele faz que conta tudo e não conta nada a ninguém, salvo a seu dono - Alfredo. Às vezes na rede ou na mão, o caroço é o poder, a força, a arma, o inimaginável e até mesmo o mágico dos desejos, pois o caroço de tucumã, segundo a crença popular paraense, tem de fato o poder da magia,<sup>3</sup> como de fato o confirmou pesquisa feita junto ao povo simples de Belém, no meio do qual continua viva a confiança nos poderes mágicos do caroço de tucumã.

*O carocinho tem a magia, sabe dar o Universo a Alfredo. Tem um poder maior que os três Deuses reunidos (p. 374)*

Vale aqui lembrar que o carocinho grelado nas páginas do romance famoso é evocado em uma das inúmeras correspondências que Dalcídio manteve, ao longo de muitos anos, com a professora Maria de Belém Menezes, sua fiel amiga de Belém do Pará, ao "germinar" novamente na lembrança do romancista, após trinta anos, como um elemento presente em sua infância de criança pobre:

Rio, 11 julho 75

Maria de Belém

O espírito comunitário da prelazia de Ponta de Pedras me aquece o peito. Algo se faz naquela outrora vila de minha meninice, de minha juventude, espécie de caroço de tucumã na palma da mão ao sabor de minha fantasia.

O carocinho de Dalcídio

*O espírito comunitário da prelazia de Ponta de Pedras me aquece o peito. Algo se faz naquela outrora vila de minha meninice, de minha juventude, espécie de caroço de tucumã na palma da mão ao sabor de minha fantasia.<sup>4</sup>*

Assim, antes de transformar-se em personagem do *Chove*, ratifica-se sua existência real vinculada à biografia do escritor. Como se constata, o caroço continuava, portanto, vivo e pulsando no coração do escritor de Cachoeira do Arari. Daí percebermos logo que o chão da

<sup>3</sup> Apenas para ilustrar esse lado popular, a crença do poder do caroço de tucumã (fruto) realizamos pesquisa em Belém, (Ver-o-Peso), cujos dados foram levantados pela aluna Shirley Oliveira, da turma 1LEN1- Universidade da Amazônia - UNAMA - 17/11/98.

Entrevistadas: (vendedoras de plantas e ervas "maravilhosas" e "milagrosas", animais secos, língua e olhos de peixes, etc, etc.)

**Joana Nogueira** - O caroço de tucumã serve para defender dos maus espíritos. Quem usa o anel de tucumã fica protegido da má sorte.

**Teresa Maciel** - O caroço de tucumã serve para defesa e defumar a casa com outros tipos de caroços. O anel de tucumã traz sorte.

**Terezinha Ângela** - O caroço de tucumã é um descarrego bem forte, afasta tudo quanto é coisa ruim, para banho não serve, só para defumação.

**Leila de Sousa** - O caroço de tucumã serve para defumação de descarga e afastar maus espíritos.

**Beija-Flor** - O óleo do caroço de tucumã é bom para inflamações e serve também para ameba.

O caroço só é para defumação, junto com a raspa do chifre do boi e do bode, junto com o piquiá e alecrim o efeito é para afastar olho gordo e espírito mau.

<sup>4</sup> Cf. Trecho de carta a Maria de Belém Menezes, datada do Rio de Janeiro, 11 de julho de 1975.

infância de Dalcídio o fez depois um homem-menino, que corria, pulava, escapolia, driblava a vida triste e dolorosa, vida mal-vivida, ou apenas sobrevivida, no final dos anos setenta, como o fora, guardadas as proporções, a do início de sua infância e adolescência<sup>5</sup>. E estas fases podem justificar o vínculo vital e telúrico mais forte de seu romance, a força do seu passado nas beiras do Marajó. Na verdade o passado é uma evocação permanente que sombreia as páginas do Chove, é uma imagem-símbolo, quase obsessiva, sempre à procura de uma posterior vida ideal, aquela que Dalcídio não teve, a não ser, parcialmente, através de Alfredo.

*Só o carocinho compreendia todas as coisas e mudava os caminhos do destino, da vida e da morte. (p. 375)*

No texto, como se acabou de ler, o caroço de tucumã aparece, por vezes, encapado com formas diminutivas, como bolinha ou carocinho, mas sempre com o mesmo significado nuclear. Essa forma diminutiva de tratamento, documentada em Celso Cunha quando cita um passo de Sílvia Skorge, é interessante e pertinente para nossa interpretação afetiva<sup>6</sup> envolvendo o significado da lexia caroço. Por outro lado, a par de reduzir-se no texto à mais pura simplicidade do diminutivo, o nosso milagroso, mítico, mágico, utópico, simples carocinho, além de rolar em quase todos os capítulos do romance, ainda galga lugar de destaque no livro, por ser, na sua forma locucional, a expressão escolhida para compor sozinha o título de um capítulo, o VIII - CAROÇO DE TUCUMÃ.

Dentre os inesgotáveis milagres da bolinha, ela poderia fazer o rio Amazonas o mais rico, o mais largo e até mesmo o mais belo rio do mundo:

*Pois sua bolinha ia fazer o Amazonas o mais comprido, o mais largo, o mais belo rio do mundo. (p. 250)*

*A bolinha o levava do insondável e imenso mundo dos meninos para onde quisesse levar. (p. 251)*

Como se isso não bastasse, essa bolinha ainda conseguia trazer para o Brasil tudo aquilo que de mais importante estava documentado nas revistas que Alfredo folheava; era o Brasil crescendo a ponto de tornar os nossos engenheiros superiores aos engenheiros holandeses:

*pois a bolinha fazia os holandeses ficarem por baixo dos engenheiros brasileiros. (p. 251).*

É interessante observar que Alfredo escolhe, como por ironia, a Holanda, para comparar com a beleza do Brasil, aquela Holanda que, no início da narrativa, aparece como referência por ter seus belos campos floridos, explicados por Seu Alberto, pai de Alfredo, à D. Amélia, sua mãe, nos seguintes termos: *Ouvira Major dizer à D. Amélia: campos da Holanda. Chama-se a isso prados. (p. 117).*

<sup>5</sup> ASSIS, Rosa, Asas da Palavra, nº 4, 1996, Unama, p. 46

<sup>6</sup> O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar idéias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir de modo espontâneo e impulsivo o que sente, o que comove ou impressiona - quer seja carinho, saudade, desejo/prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, às vezes também vaga. (CUNHA, Celso & CINTRA Lindley Nova Gramática do português contemporânea. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 192)

Além de todos esses exemplos, em que o caroço passeia na palma da mão do personagem, ou funciona como elemento apaziguador, tranqüilizador, ou de força maior, ele surge também como força erótica, transformando o menino em homem. Para isso, basta lembrar que o caroço pulava na rede, deitava com o menino, tanto no quarto fechado, como no escuro, sempre às escondidas. E o menino se deixando ficar escondido, inquieto, por vezes sobressaltado, ofegante. E mais, o caroço está sempre presente nos sonhos do menino Alfredo (acordado ou dormindo) com as meninas maiores, sedutoras, proibidas, cobiçadas. O fato é que o prazer do fruto da sua região se mistura com o prazer da vida plena. Assim, com o permitido e o proibido, ele pode comer, roer, se lambuzar e deixar suas marcas na boca, nos lábios e nos dentes - o que confirma a insinuação daquele elemento erótico nas significações do tucumã no texto do *Chove*, como a seguir se lê em diferentes passagens sugestivas:

*Adormecia, a bolinha rolava entre o lençol e o camisã. (p.308)*

*Nem sempre era a bolinha, eram as meninas como Moça. (p.308)*

*Alfredo ia pelos campos com a bolinha e se exaltava pedindo a Nossa Senhora da Conceição, que fizesse Irene muito dele,... (p. 312)*

*A bolinha seria uma criatura abençoada por Nossa Senhora? Havia muito de pecador, de tentação na bolinha (p.312)*

*E Moça é uma ansiedade, a bolinha subindo e descendo, lhe mostrando a vantagem que há nos meninos maiores para namorar, fazer uma porção de coisas ocultas e proibidas. (p. 283)*

*e meninas que vieram depois, lhe dando tentações, curiosidades viciosas, proibições, faz-de-conta lhe fazendo cada vez mais entendido e triste, desconfiado. (p. 282)*

Por conseguinte, o proibido, o seu segredo, o do caroço, não podia se tornar público, era apenas dele e só dele. Para Alfredo, revelar o faz-de-conta do caroço era acabar a fantasia, era acordar do sonho, era castrar a sua imaginação. Desse modo, quando sonhou alto demais a ponto de ser ouvido, e ficou desnordeado, teve vontade de "esbrechar" com o caroço a cabeça de dona Geminiana:

*Subiu-lhe a lembrança dos campos queimados e daquele sapo que o espiava através do chalé, uma tarde, como se o sapo visse e compreendesse o que era que estava acontecendo dentro do caroço de tucumã pulando na mão do menino.*

*E distraído, com o caroço pulando na mão, começou a falar bem baixinho, quando tão de repente aquela mão lhe tocou muito de leve no ombro.*

*Falando só, hem?*

*O caroço deslizou pelo braço e rolou para debaixo da escada como se compreendesse o susto e a vergonha do menino que ficou frio e teve um desejo de morder a mão de d. Gemi, quebrar-lhe a cabeça com o caroço. (p.122)*

O cuidado em esconder o caroço era a maior preocupação de Alfredo, sobretudo quando o personificava em forma de companheiro ou amigo:

*Só a bolinha tomava corpo de gente, era uma antiga. Era o corpo da imaginação. Bolinha fiel e rica de sugestão! Ela achava tudo, ele achava desde a salvação do Brasil até uma caixa de charutos Palhaço para sua mãe. (p. 250)*

A relação Alfredo/caroço é tão íntima, que o próprio caroço já personificado dissimula dentro de si aquilo que deveria ser ocultado por Alfredo:

*Clara ou a morte de Clara tinha de ficar mistério dentro de Alfredo. Ficou dentro do carocinho. Toda vez que Alfredo desejava uma menina para passear nos campos, ser amiga dele no colégio, ler com ele os livros de viagens, o carocinho fazia Clara da idade do menino e era meia hora de sonho. (p. 283)*

Servindo ao mesmo tempo de cofre e confessor, o fiel carocinho guarda os sigilos e as confissões fantasiosas de Alfredo, traçando nas paisagens psicológicas o perfil do menino-homem, ora sonhador, ora misterioso. Sonhar é para ele, Alfredo, concretizar através das palavras suas idéias. Sonho é caroço. Assim, em Dalcídio, fantasia, imaginação e sonho se misturam, se confundem, se somam, e isso só é possível com a ajuda da "varinha de condão", do mágico e mítico caroço de tucumã:

*Os passarinhos revoam em torno do chalé. O caroço de tucumã imaginou que os passarinhos moravam no chalé. (p.120)*

*Alfredo correu e foi buscar um caroço de tucumã. Começou a ver os passarinhos no chalé dançando uma dança esturdia com Mariinha no soalho. (p. 122)*

*Ficou brilhando dentro do carocinho de Alfredo. No carocinho o cometa voltava a brilhar no céu de Cachoeira. (p. 305)*

De certa maneira, os sonhos de Alfredo acabam virando uma espécie de "vício", digamos, no sentido mais popular do termo:

*Passava a febre, passava a febre de sonhar viagens, tirava o vício do carocinho. Quando o tenor Florentino esteve em Cachoeira leu a mão de Alfredo. (p. 305)*

Por outro lado, quando está doente, com febre, no seu sonho delirante, Alfredo é tratado com miraculosos remédios inventados pelo caroço, com plantas medicinais da região. E o carocinho passa de milagroso a curandeiro, bem de acordo com a cultura popular regional:

*O carocinho inventava um remédio para febre que não fosse quinino, como já inventou remédios para vermes que não eram mamona. (p. 370)*

*Então lhe parecia um pouco bom aquele quarto fechado, ninguém com ele, o suor da febre passara, a rede, a bolinha em movimento. (p. 347)*

Enfim, os sonhos de Alfredo só eram possíveis graças aos poderes de sua imaginação e à presença constante do seu inseparável amuleto, em especial nos campos batidos, nos escuros, na calada da noite. E aliás, não se deve esquecer que a lenda indígena do caroço de tucumã é justamente a do surgimento da noite<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Fragmento da lenda: como a noite apareceu "O marido mandou buscar a noite, que lhe foi remetida encerrada dentro de um caroço de tucumã, [...]" Esta lenda pertence à série das *Lendas Tupis*, publicadas pelo Gen. Couto de Magalhães em *O Selvagem* (3ª edição, Companhia editora nacional, Coleção Brasileira, 1935, pags. 231-233)

Concluindo, volto a recordar que o caroço de tucumã das narrativas de Dalcídio - o carocinho, a bolinha - foi grelando, crescendo cada vez mais, tomando forma firme do princípio ao fim da grande obra, dando ao texto dalcídiano mais encanto, mistério, magia, bulindo ora no bolso ora na mão do menino Alfredo, e sempre rebrotando na memória e na imaginação do homem Dalcídio, o escritor, esse ser mágico em si mesmo, que sabe encontrar e colher como ninguém as palavras mais significativas e sensíveis para recriar a vida e a linguagem do mundo marajoara. É realmente uma colheita mágica e poética, sentida, pensada, sonhada, que dá à narrativa um sabor genuíno e pitoresco, diferente. E tudo por obra e graça de um simples mas significante carocinho, criando suas "histórias da carochinha", tão comuns de dizer entre a gente simples do Marajó e desses nossos perdidos interiores. Como arremata por mim o menino Alfredo, sem deixar qualquer dúvida, já quase ao final do romance.

*Dentro do carocinho bem redondo não muito leve nem também pesado, se escondiam todos os poderes do sonho, toda a graça do maravilhoso. (p. 378)*

Tucumã - s. m. *Astrocarym tucuma* Mart., fruto do tucumãzeiro; palmeira da região amazônica, com frutos oleosos que servem para um tipo de vinho. Das fibras do tucumãzeiro podem-se fazer rede de pesca e, até mesmo, redes de dormir. Seu nome popular é tucum. (ASSIS, Rosa. Vocabulário popular em Dalcídio Jurandir).

## FONTES CONSULTADAS

ASSIS, Rosa Maria Coelho de. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém, Universidade Federal do Pará, 1992.

COUTO, Magalhães de. *O Selvagem*. Rio de Janeiro, Editora Nacional, Coleção Brasileira, 1935.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. Belo-Horizonte. Nova Fronteira, 1985.

JURANDIR, Dalcídio. *Edição crítica de Chove nos campos de Cachoeira* / Rosa Assis. Belém, UNAMA, 1998.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo, Cultrix, 1974.